

**O CRÍTICO INTERNAUTA:  
CIRCULAÇÃO E ENUNCIÇÃO DA CRÍTICA LITERÁRIA EM REDE**

Natalia Francis de Andrade (PUC - Rio)<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste final da segunda década do século XXI, já é fato estabelecido que os debates em torno da literatura não se circunscrevem mais aos livros, revistas especializadas ou eventos acadêmicos: eles também despontam ou se rearticulam em círculos virtuais. A efervescência da vida literária nas redes digitais – da qual participam professores, pesquisadores, jornalistas culturais e autores – não é, porém, sintoma apenas de uma simples aderência desses atores ao suporte técnico em voga. Para além disso, algumas características intrínsecas às formas de expressão e publicação na web vão diretamente ao encontro da natureza dialógica da crítica.

**Palavras-chave:** critica contemporânea; internet; esfera pública;

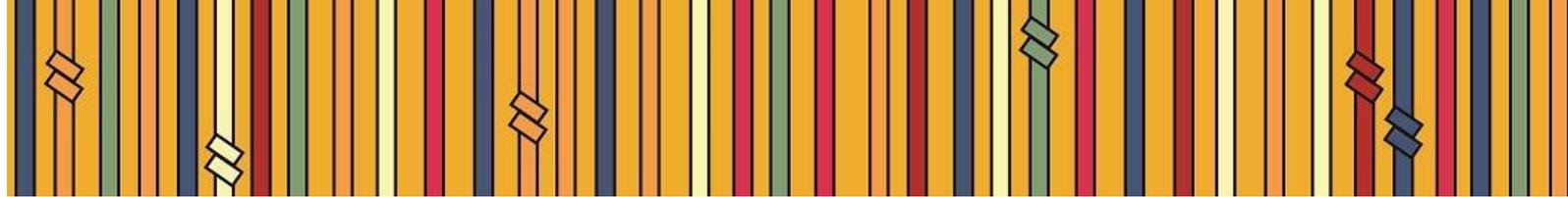
Se a partir da segunda metade do século XIX e durante o século XX o jornal foi o veículo responsável por sedimentar o público-leitor do crítico literário e firmar o papel dessa figura mediadora da experiência de contato com o livro, o início do século XXI assistiu à crise do modelo de mídia impressa e à redução (ou mesmo fim, em muitos casos) do espaço dedicado à cultura e literatura nos grandes jornais. Os cadernos culturais que persistiram contam hoje, muito provavelmente, com uma quantidade mais expressiva de leitores online do que de assinantes que recebem o impresso em casa.

Diante desse cenário, há de se observar que o meio digital, longe de funcionar como suporte transparente para o texto, tem impactos na maneira como ele circula e é recebido – o que, naturalmente, acaba por influenciar como são pensados e concebidos. A constatação pode parecer óbvia, mas as mudanças em curso relacionadas à passagem da cultura do impresso para a do texto eletrônico raramente vêm sendo pensadas logisticamente pelos departamentos de ciências humanas e letras das universidades brasileiras. Particularidades técnicas e forças próprias dessa mídia têm interferido em como o leitor lê, maneja e armazena (ou não) textos críticos. Mais que isso, em como interage com eles – sendo cada vez mais incitado a fazê-lo.

Toda vez que substituímos a ida à biblioteca pelo download de textos avulsos – onde, abaixo do nome, há o endereço de e-mail do autor – a denúncia de Marshall

---

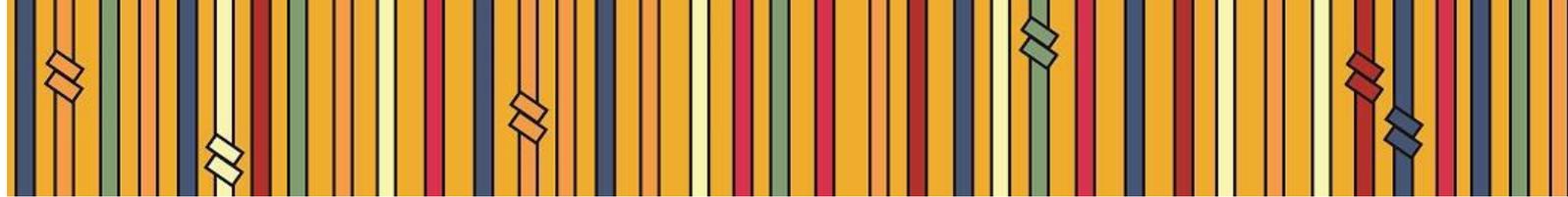
<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC – RIO).  
Contato: natafrancis@gmail.com



McLuhan sobre a falsa neutralidade dos meios comunicativos se atualiza. O mesmo acontece quando textos críticos são linkados e compartilhados, geralmente abaixo de um breve comentário recomendando sua leitura. No início dos anos 2000, o termo web 2.0 começou a ser empregado para demarcar a transição para um ambiente virtual em que o traço de interatividade é reforçado, graças a ferramentas e interfaces que passaram a favorecer a colaboração dos internautas na produção e organização de conteúdo. Foi sob essa nova condição da internet como rede de conexões interpessoais que surgiram outras formas de enunciação dos discursos sobre literatura, já que o crítico literário especializado passou, muitas vezes, a também marcar sua presença online. Além de publicar resenhas e ensaios nos meios impressos ou em sites e divulgá-los em seu perfil, ele mantém vínculos com outros críticos e leitores, acompanha as leituras literárias e teórico-críticas mais recorrentes nessa circunvizinhança virtual, frequenta páginas dedicadas ao tema e emite algumas de suas impressões e opiniões em fóruns e caixas de comentários.

Integrar uma comunidade digital tornou-se, ao que parece, exercício importante para os interessados em literatura que desejem estar a par das últimas discussões estéticas e políticas. E as polêmicas são muito frequentes, já que estamos falando de um ambiente que abriga, sem mediação (ao menos tão) aparente, vozes com repertórios e posicionamentos díspares dentro do campo. Por conseguinte, as disputas argumentativas se sobrepõem umas às outras em ritmo mais intenso e de forma menos centralizada ou sistematizada do que em espaços institucionalizados, como o universitário, o editorial ou o da mídia oficial.

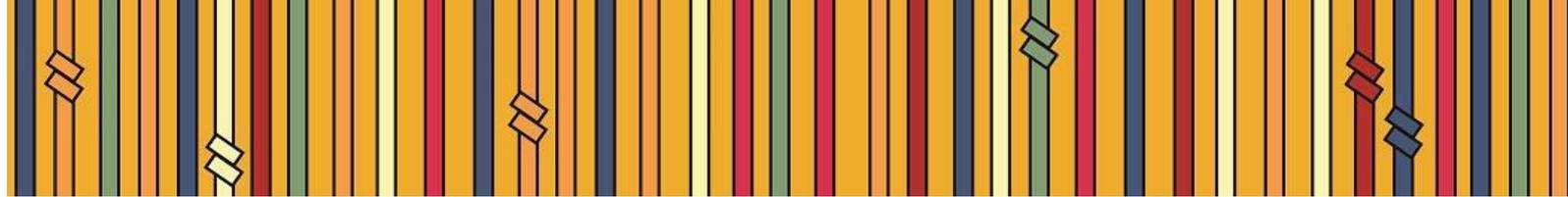
Em *O demônio da Teoria*, Antoine Compagnon lembra que a crítica se elabora em ambientes propícios para a comunicação mais ágil, pois ela "aprecia, julga; procede por simpatia (ou antipatia), por identificação ou projeção". Sendo assim, ele conclui, "seu lugar ideal é o salão, do qual a imprensa é uma metamorfose, não a universidade; sua primeira forma é a conversação." O que o teórico francês ressalta é o caráter dialógico dessa atividade, precisamente aquilo que se perde quando há grande intervalo de tempo entre a recepção e a resposta a um artigo, resenha ou comentário crítico. Se outrora os salões de leitura se metamorfosearam na imprensa, poderíamos considerar o grande salão virtual como sua metamorfose mais recente?



O teórico alemão Jürgen Habermas já havia abordado, em seu *Mudança estrutural da esfera pública*, justamente a emergência, na Europa, a partir do século XVII, de um novo conceito de opinião pública, que passaria rapidamente do cenário de publicações dispersas e intercâmbios entre grupos pequenos (os salões literários) para um grande debate aberto à sociedade inteira, em espaços como os dos jornais. É sabido que teoria de Habermas tem forte teor teleológico - ao idealizar uma esfera pública una e imune ao domínio do poder do Estado, do mercado, da mídia e ao imaginar um projeto de emancipação por meio da razão. Ainda que tal projeto pareça insustentável sob as vistas do contemporâneo, pode ser útil voltarmos a alguns aspectos dessa obra como ferramenta crítica para indagarmos se estaria havendo, por meio da das interações na grande rede, uma revitalização de dinâmicas que o autor descreveu como possíveis no espaço da "esfera pública literária". Ou seja: sem que se perca de vista que a sociedade pós-industrial outorga papel periférico à literatura, apostar em caminhos para "sobrevidas pontuais" de seu potencial político a partir de intervenções de vários tipos em espaços como o digital.

Não raro, o crítico que constrói sua autorrepresentação virtual assume a função de curadoria mais imediata da produção contemporânea – inclusive de modo aparentemente informal, quando postam, por exemplo, trechos de romances, contos ou poemas, às vezes inéditos, de autores iniciantes ou estreantes. Essas postagens produzem impacto na visibilidade que determinada obra ganha, já que perfis e páginas geridos por figuras já prestigiadas no meio por seu lastro acadêmico ou artístico angariam muitos seguidores, tendo se convertido em plataformas de divulgação muitas vezes mais poderosas que meios analógicos ou que estratégias convencionais de marketing editorial.

Indo mais adiante, é possível considerar, hoje, alguns fóruns virtuais como lugares de negociação de valores para a crítica cultural. Isso porque além de emitirem juízos de valor sobre obras ou de divulgá-las, eles pensam sua própria atividade, envolvendo-se em embates metacríticos. Especialmente por vivermos um ambiente teórico em que as ideias e as perspectivas dos Estudos Culturais disputam com outras correntes de teoria literária, tem-se assistido à politização do debate sobre literatura e cultura, que geralmente extrapola aspectos textuais e formais das obras e passa a



abarcam questões ideológicas, como os mecanismos de elaboração do cânone ou a representatividade feminina e de outras minorias no meio literário.

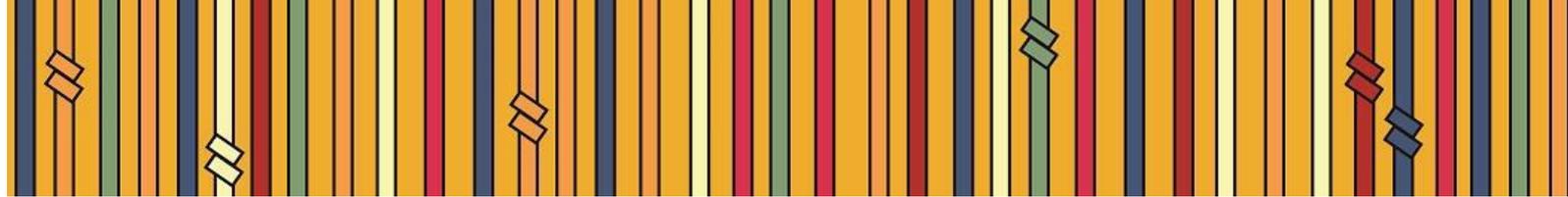
Tudo isso tende a escapar, porém, ao olhar de parte da tradição acadêmica. A vida literária que se expande pelas "margens" da web, por fugir aos exames apegados a modelos e valores já estabelecidos da crítica, é com frequência relegada ao estatuto de fenômeno superficial.

Em parte, talvez isso ocorra por conta do sentimento nostálgico em relação ao tempo em que a literatura gozava de maior prestígio e em que o gênero da crítica estava investido de autoridade. Afinal, muitos enxergam no digital um dos arrematadores da cultura livresca, sobre a qual se sustentou, entre o final do século XVIII e a década de 80 do século XX, a centralidade, na arena política ocidental, das ciências humanas e dos estudos literários. Em parte também, essa desconfiança decorre da dificuldade de tatear e mapear um terreno tão novo e onde a crítica ocorre de forma não necessariamente regulada por alguma instituição.

Em *Mutações da literatura no século XXI*, livro recente em que se propõe a investigar as novas veredas da ficção brasileira contemporânea, Leyla Perrone-Moisés dedica um capítulo somente à crítica. Seu tom é resabiado quando o assunto é o que se produz na internet: a autora demonstra apego à segurança de "critérios" de julgamento e de avais institucionais e se sente "sem garantias":

A internet possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em sites ou blogs. O problema da crítica na internet é o mesmo da produção literária virtual: sua criação espontânea e seu acesso desprovido de qualquer filtro de qualidade. Enquanto a obra literária impressa tem como garantia mínima o International Book Number (ISBN), que prova ela ter sido aceita por algum editor, e a crítica literária impressa tem o aval de uma revista ou jornal, as obras e comentários apenas virtuais não têm chancela alguma de qualidade, podendo variar do ótimo ao péssimo. Cair num tipo ou no outro depende da sorte do internauta.(PERRONE-MOISÉS,2016, p.68)

As palavras de Leyla fazem eco ao temor corrente de que a polifonia radical e o ritmo acelerado, sem "selos de qualidade", que caracterizam a produção de discursos na web possam contribuir para a continuidade do longo processo, iniciado há décadas, de perda de status da figura do crítico literário especializado. No esforço argumentativo

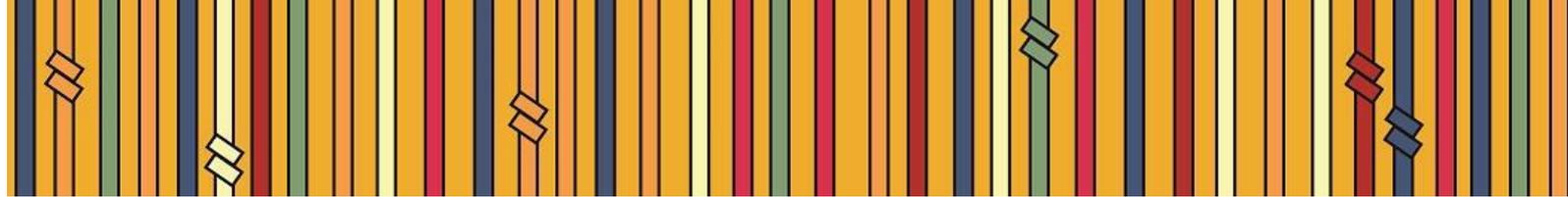


em contrapelo a essas impressões, é importante dizer, em primeiro lugar que nem só de "novos leitores críticos" se compõe a vida literária ampliada nas redes. Muito de seu conteúdo vem sendo produzido por participantes do campo literário *stricto sensu*, o qual cada vez mais será composto por membros de uma geração que teve acesso à rede desde a infância.

Em segundo lugar, é claro que há ali, sim, mecanismos próprios de legitimação filtros de qualidade bastante evidentes. Encontrar um bom texto crítico, um bom site de ensaios ou um bom blog ou revista que faça curadoria de poemas ou contos não é questão de "sorte do internauta". É sucesso que depende do repertório de que o leitor dispõe sobre o universo literário e do quão bem ambientado ele se sente no ambiente virtual para traçar seus próprios percursos, construindo suas redes (avizinhandose de autores e críticos), elegendo seus sites favoritos e passando a frequentá-los. Afinal de contas, o aval, na internet, pode não vir diretamente de um editor ou das instâncias acadêmicas, mas ele existe.

A academia, por extensão de sua influência, tem atuado diretamente sobre os regimes de visibilidade da literatura em rede. Para que um texto teórico circule e provoque reações, ou para que uma página pessoal ou perfil de professor universitário angarie um público de leitores, seguidores e comentadores, continuam sendo importantes o prestígio e os títulos conquistados fora dali, em outras esferas midiáticas ou institucionais.

Nota-se também que a distância entre círculos de especialistas e não especialistas, de leitores "cultos" e "não cultos", tende a reproduzir-se no espaço digital, bem como as hierarquias culturais entre eles. Paralelamente às discussões que envolvem figurões da crítica respaldados por títulos universitários, proliferam-se e popularizam-se *vlogs* e *vloggers*, *podcasts*, *blogs* e páginas mantidos por leitores comuns. E os livros resenhados nem sempre são *best sellers* estrangeiros. Há diversos casos de jovens leitores que criam canais onde se sentem completamente à vontade para emitir opiniões impressionistas sobre obras consideradas clássicas e integrantes do cânone ou sobre lançamentos nacionais. Esse é um comportamento afinado com uma tendência estimulada pelos meios eletrônicos: o da experiência coletiva e compartilhada de leitura – lemos tirando fotos das páginas e postando no Instagram, compartilhando trechos no Facebook.

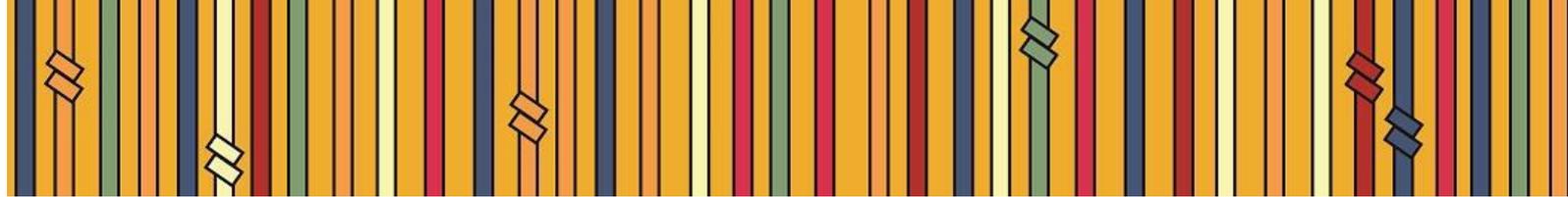


Evidentemente, não causa surpresa a resistência do meio literário *stricto sensu* à "apropriação" da atividade crítica em rede por grupos de indivíduos que não são reconhecidos como "seus praticantes". Trata-se quase de um instinto fantasma de (auto)preservação da autonomia do campo frente à força descomunal do mercado. É uma demonstração de apego àquele status de que a literatura gozava nos tempos em que apenas o contato com o objeto livro e o hábito de leitura já bastavam para delimitar a elite intelectual.

Não se pode menosprezar, por outro lado, os argumentos de teóricos que se preocupam com a expansão das práticas digitais de escrita da crítica porque percebem nela um paradoxo: quanto mais se diversificam os participantes, mais se multiplicam os embates e mais se fragmentam as discussões, maior é o risco de cacofonia. O risco dessas várias manifestações da crítica recaírem na invisibilidade coletiva – o que pode ocorrer, ainda que as questões debatidas sejam relevantes e seus debatedores competentes. Em última análise, a ampliação indiscriminada do poder de voz promovido pelos meios digitais, por entropia, pode levar justamente ao encolhimento da esfera pública que eles poderiam ampliar. A descentralização dos discursos, quando levada ao paroxismo, os dilui ou os enclausura em nichos. Tudo isso merece e deve ser levado em consideração. Contudo, esse é um paradoxo concernente, de modo geral, a toda organização discursiva e sociopolítica da contemporaneidade. Muito embora, como ferramenta e como meio, a internet tenha o tornado mais manifesto e intensificado, não é muito proveitoso transformá-la em bode expiatório um sistema de comunicação, do qual podem ser feitos diversos usos.

Aliás, o *ethos* polêmico reacionado pela web 2.0, em vez de ser visto como mero exercício narcísico por parte de quem se envolve em disputas críticas, pode ser entendido como condição para a organicidade de espaços públicos provisórios de debates. Assim, o crítico especializado pode deixar de se preocupar em esconder totalmente o viés individual de seus textos por trás da fetichização de uma linguagem terminológica e impessoal. Em *Crítica Literária: em busca do tempo perdido?*, João Cezar de Castro Rocha (2011) defende a importância dessa dinâmica de disputa verbal "no calor do momento":

Em outras palavras, recupero conscientemente o *ethos* polêmico em sua capacidade de estruturação sistêmica, capacidade que demanda a explicitação dos próprios pressupostos e a leitura atenta, ainda que

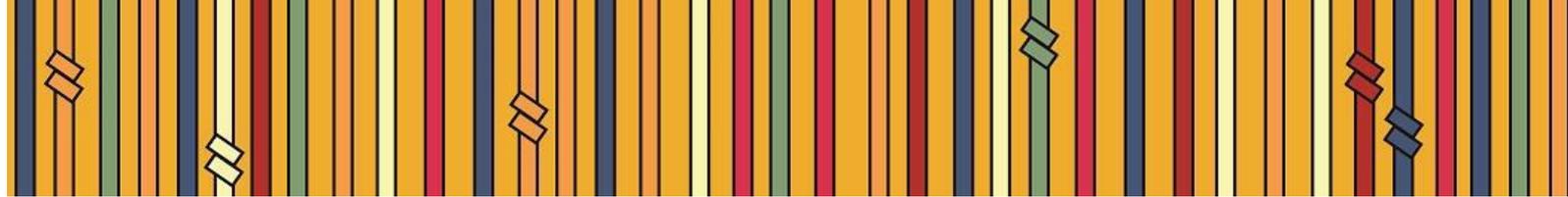


belicosa, dos princípios defendidos pelo adversário do momento (ROCHA, 2011, p.73)

As discussões engendradas por esses atores em redes sociais não substituirão ou tornarão obsoleta a escrita de artigos, *papers* e resenhas. Afinal, estamos falando de impulsos discursivos muito diferentes, que cumprem papéis distintos, apesar de articulados. A própria noção crítica não corresponde a uma prática imutável e única ou à mera aplicação da teoria às análises das obras. Pelo contrário: assim como a literatura, ela participa do jogo social atravessado pela experiência cotidiana, por afetos às vezes personalistas, por consensos sempre precários e instáveis. Uma conjuntura comunicativa que permita o atrito entre opiniões concorrentes, vindas de indivíduos que têm estofo teórico e bagagem de leitura para emití-las, pode reinjetar ânimo à vida literária em seu sentido comunitário.

Em meados de outubro de 2016, por exemplo, diversos usuários testemunharam na *timeline* do Facebook acalorada repercussão de uma matéria publicada no jornal *O Globo*, intitulada "Livros com protagonistas gays apontam para naturalização do tema". O subtítulo resumia a abordagem do assinado por Bolívar Torres: "Recém-lançados por grandes editoras, romances levam homossexualidade para além dos nichos editoriais". As reações tomaram as páginas de professoras universitárias como Giovanna Dealtry (UERJ), Laura Erber (UNIRIO) e Regina Dalcastagnè (UNB), de jornalistas como Schneider Carpeggiani e de escritores como Ricardo Domeneck, Victor Heringer e Samir Machado de Machado – sendo estes dois últimos autores que tinham concedido entrevista a Bolívar Torres. De maneira geral, os *posts* mais indignados acusavam a matéria de 1) ser mera porta-voz dos interesses do mercado 2) silenciar diversos precursores na temática, como Caio Fernando Abreu e João Gilberto Noll 3) ignorar que na história da literatura brasileira já houve obras como *O Ateneu* e *Bom Crioulo*, que nunca foram de "nicho" 4) sequer mencionar ou ouvir qualquer mulher escritora e homossexual 5) tratar da "naturalização" do tema da homossexualidade dando prioridade e ênfase a livros com personagens gays, mas escritos por homens brancos e heterossexuais. Ou seja: de tentar legitimar panfletariamente, perante os leitores do jornal, a homossexualidade através da heteronormatividade.

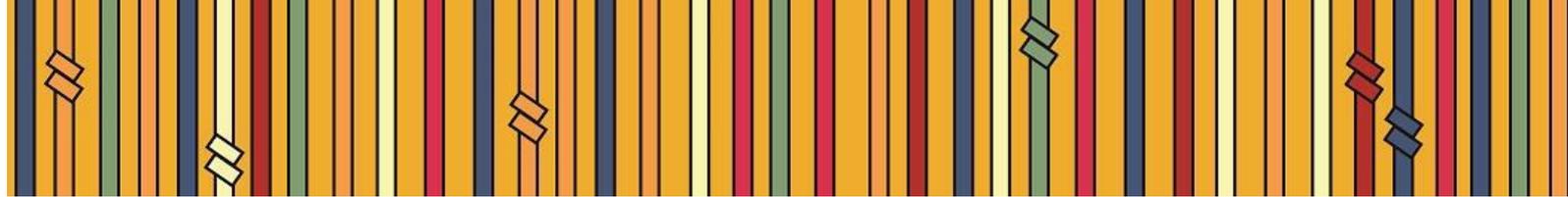
Mas o que é mais interessante notar é que a polêmica a respeito dessa matéria se espalhou até por searas mais teóricas, trazendo à baila o impasse sobre o papel da



crítica acadêmica e sua relação hoje com a crítica de jornal. Como o jornal deu ênfase às opiniões e impressões dos próprios escritores, as discussões virtuais também versaram sobre a relação entre "autor midiático" e obra ficcional, assim como sobre os limites da fala pública de um autor sobre o seu próprio texto. Todas essas são pautas igualmente presentes hoje nas salas de aula e corredores das pós-graduações em Letras do país – o que atesta que às vezes um espaço tem atuado como continuidade do outro, havendo, entre os dois, um trânsito tanto dos mesmos participantes quanto das mesmas problemáticas.

Na ocasião, bastava acompanhar em tempo real a conversação online para identificarmos posicionamentos a respeito das questões que o texto suscitou. De um lado, havia quem reivindicasse que o jornalismo deveria levar a crítica mais a sério, voltando a convocar o crítico profissional para debater aquilo que lhe compete – em vez de chamar o próprio escritor para defender sua obra ou legitimar seus personagens, atribuindo a ele uma autoridade personalista de que não deveria gozar. De outro, havia quem argumentasse que esse tipo de reivindicação é inócua nesses tempos em que jornalismo e mercado jogaram deliberadamente para escanteio a figura mediadora do crítico, no desejo de fazer diretamente a ponte com o público "consumidor" (mais que leitor).

De fato, há muito os jornais já não comportam anexar suplementos com publicações independentes, que sigam a tradição da crítica reflexiva e formativa. Mesmo o encerramento do caderno impresso *Prosa e Verso*, em 2015, gerou necrológios ao mesmo tempo melancólicos e resignados, que admitiam o quanto suas coberturas haviam perdido qualidade e relevância. Talvez seja mesmo o caso de não mais esperar que o jornalismo se empenhe em reverter a condição da "crítica como papel de bala" - para usar a expressão de Flora Süssekind em texto publicado também no Globo, em 2010. Nele, ela lamenta que diversos veículos (sejam eles impressos ou portais eletrônicos) e seus colunistas/resenhistas falem de um lugar "sem qualquer ressonância", onde não há "condições reais de intervenção, formulação de questões relevantes e expansão do mínimo espaço público talvez ainda disponível para um exercício crítico que não se confunda inteiramente com busca de prestígio ou com um guia de consumo".



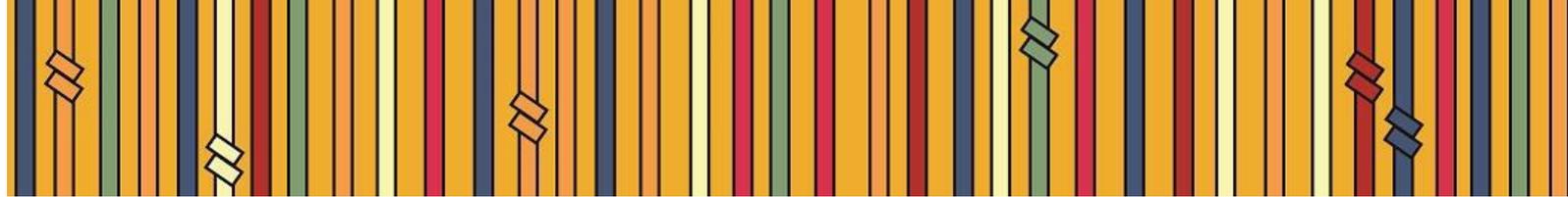
Ora, se a mídia da segunda metade do século XX foi acusada pela academia de reduzir o potencial de dissenso do debate literário por, na maior parte das vezes, buscar a consonância com a indústria cultural, essa acusação antes direcionada aos jornais tem se transferido em grande parte para a crítica feita e propagada em rede. Nela, só haveria lugar para o mesmo *modus operandi* da assessoria de imprensa travestida de resenha crítica (vale lembrar que os grupos editoriais também marcam sua presença em blogs, por exemplo), do julgamento estético comprometido com fatores extratextuais (como coleguismos) e da preferência por análises breves, que frequentemente incorrerem em reducionismos. Ou, se não, para a crítica amadora de péssima qualidade. Em outras palavras, o medo recorrente é o de que tenha se instaurado uma situação em que, independentemente da mídia em questão, a sociedade como um todo não estaria mais propensa a conceder à crítica o espaço que lhe é indispensável para empreender abordagens de fato desestabilizadoras – até porque isso iria de encontro à inclusão progressiva da literatura no rol do entretenimento.

Em resposta ao apelo quase publicitário das resenhas publicadas nos jornais, muitos críticos de formação – aqueles que dispõem de fôlego teórico para ler as tensões não só provocadas pelo contato do leitor com o texto literário, mas dos textos com o seu tempo – marcaram (o)posição fincando o pé em lugar protegido e mantiveram-se, em sua maioria, atuantes apenas em seu meio. Incapaz de reencontrar um campo para o debate público, a crítica universitária teria se acachapado intramuros, enquanto assiste, de lá, à redução do potencial de dissenso de suas intervenções.

Analisar essa convivência na *web*, já referida por estudiosos como Beatriz Resende (UFRJ), será importante para a compreensão futura do sistema intelectual brasileiro de hoje e dos próximos anos.

Os blogs de escritores e de críticos, as revistas virtuais, os sites especializados além de novas ferramentas como o *twitter* ou espaços virtuais como o *facebook*, vêm se mostrando instrumental indispensável. No *cyberspace* surge uma nova vida literária – com amizades, brigas, compadrismo ou perseguições – que configuram, hoje, novas formas de escrita, de leitura, de crítica e, sobretudo de produção e circulação literárias (RESENDE, 2008, p. 110).

Enquanto, no passado, para mapear as proximidades ou rugas entre intelectuais e artistas era necessário fazer um trabalho pesquisa em arquivos (correspondência,



registros fotográficos, documentos históricos, relatos em livros da época), hoje em dia impõe-se a necessidade de observarmos como se constitui a rede de afetos (e desafetos) e a troca de ideias no espaço virtual, onde as noções de público e de privado sempre estiveram borradas.

### Referências bibliográficas

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

RESENDE, Beatriz; *A literatura brasileira num mundo de fluxos*, Revista Terceira

\_\_\_\_\_. *A literatura brasileira na era da multiplicidade*. Litterature d'America, v. ano XX, p. 107-120, 2008.

\_\_\_\_\_. *Cyberspace, South*. Internet and Cultural Studies in Brasil. Revista Z, Rio de Janeiro, v. 5, 2001.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Crítica literária: em busca do tempo perdido?* Capecó: Argos, 2011.

\_\_\_\_\_. *Exercícios críticos: leituras do contemporâneo*. Chapecó: Argos Editora Universitária, 2008. v. 1. 317p.